

A LITERATURA CLÁSSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL COMO INSTRUMENTO DE CONSOLIDAÇÃO DA LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Rosana Fogliatto¹
Rafael Batista de Sousa²

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica sobre a importância de inserir a Literatura Clássica como instrumento auxiliador no processo de consolidação da leitura e da interpretação de textos e no processo de Letramento Literário nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Foram utilizados os conceitos de Calvino (1993) e Machado (2002) para a conceituação de Literatura Clássica; de Soares (2003) e Eberhardt e Moura (2021) para a Alfabetização e Letramento; de Cosson (2014), Souza e Cosson (2011) e Paiva, Maciel e Cosson (2010) para o Letramento Literário; e de Koch e Elias (2006) para a Leitura e Compreensão. A proposta é refletir como a leitura de clássicos da literatura funciona no processo de apropriação de significados múltiplos, no enriquecimento interior, na formação de valores humanos essenciais e na própria identidade do estudante, além de proporcionar a consolidação da leitura e a interpretação de texto ao estabelecer a interação entre sujeitos ativos, construindo dialogicamente sentidos que darão suporte social para o desenvolvimento crítico do educando. Discute-se também o papel do professor como mediador na sua ação pedagógica, como facilitador entre a obra literária e o estudante, possibilitando ao aluno uma nova percepção da Literatura e instrumentalizando-o com o capital cultural social que lhe é de direito.

Palavras-chave: Literatura Clássica, Letramento Literário, Leitura, Interpretação.

ABSTRACT

This work is bibliographical research on the importance of inserting Classical Literature as an aiding instrument in the process of consolidation of reading and interpretation and in the process of Literary Literacy in the early years of elementary school. The concepts used of Classical Literature are by Calvino (1993) and Machado (2002); in Soares (2003) and Eberhardt and Moura (2021) for alphabetization and literacy; Cosson (2014), Souza and Cosson (2011) and Paiva, Maciel and Cosson (2010) for Literary Literacy; and of Koch and Elias (2006) for Reading and Comprehension. The proposal is to reflect how the reading of classics works in the process of appropriation

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Brasília (IFB). E-mail: rofogli42@gmail.com

² Professor Orientador do Instituto Federal de Brasília (IFB); Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: rafael.batista@ifb.edu.br

of multiple meanings, in the inner enrichment, in the formation of essential human values and in the student's own identity, besides providing the consolidation of reading and the interpretation of text by establishing the interaction between active subjects, dialogically constructing meanings that will give social support to the critical development of the student. It also discusses the role of the teacher as mediator in his pedagogical action, as a facilitator between the literary work and the student, enabling the student a new perception of literature and instrumentalizing it with the right of social cultural capital.

Keywords: Classical Literature, Literary Literacy, Reading, Interpretation.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica sobre a importância da Literatura Clássica no processo de formação dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o objetivo de apontar a importância de inseri-la como instrumento como auxiliador no processo de consolidação da leitura e da interpretação de texto a partir da formação do Letramento Literário.

Foram utilizados como referencial teórico os conceitos de Ítalo Calvino (1993) e Ana Maria Machado (2002) para Literatura Clássica; de Magda Soares (2003) e de Rozani Márcia Eberhardt e Sandra Eliana Moura (2021) para o Letramento e Alfabetização; os conceitos de Rildo Cosson (2014), Renata Junqueira Souza e Rildo Cosson (2011) e de Aparecida Paiva, Francisca Maciel e Rildo Cosson (2010) para Letramento Literário; e de Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2006) para Leitura e compreensão textual.

A escolha de pesquisar sobre a inserção da Literatura Clássica como instrumento auxiliar na consolidação da leitura e escrita veio da observação em sala de aula de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental quanto a suas dificuldades de leitura e interpretação de texto e dos resultados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), realizada em 2016, cujos números apontam para o fato de que menos da metade das crianças que estavam finalizando o terceiro ano do Ensino Fundamental tinham a proficiência em leitura (45,3%)³.

Também é fruto da experiência pessoal proveniente da paixão de longa data pela Literatura clássica e dos questionamentos de muitos estudantes e professores sobre

³ Fonte: MEC/INEP. Disponível em [Avaliação Nacional da Alfabetização \(ANA\) - Base dos Dados](#)

como essas obras são abordadas na disciplina de Literatura, tanto nos Cursos Acadêmicos quanto no Ensino Médio, que foram difundidos recentemente nas mídias sociais nos últimos tempos.

Neste ponto, tomo a liberdade de narrar uma experiência pessoal de leitura de um desses clássicos – *Fausto*, de Johann Wolfgang von Goethe –, no alto dos meus 12 anos de idade. Lembro-me que era uma versão completa, com uma linda capa (muitas vezes eu escolhia os livros pela capa). Quando abri aquela preciosidade, descobri que era escrita toda em versos simétricos, com palavras que eu nunca tinha visto, nem ouvido, e, portanto, incompreensíveis para mim. Foi a primeira vez que descobri um livro escrito simultaneamente em duas línguas (português e italiano). Claro que, com a leitura da primeira página, a minha compreensão foi pífia, mas, como a própria Ana Maria Machado (2002) diz, o desafio de ler um clássico falou mais alto do que a minha ignorância.

Desta feita, busquei o socorro de minha mãe, que inicialmente me auxiliou a descobrir os sinônimos das palavras que eram lidas e a importância de outro livro (no meu caso, uma coleção de 6 volumes): o dicionário. E, a partir dessa primeira página desvelada, fui aprendendo várias atividades que hoje utilizamos para produzir um texto. Aprendi, por exemplo, a utilizar o artifício de um bom bloco de notas para anotar palavras novas e seu sentido, o reescrever com minhas palavras um trecho do texto mais complexo, a buscar compreender uma sentença pelo contexto. Mas, além de me auxiliar na escrita, o que mais me marcou na leitura de *Fausto* foi a história – os valores reais do que pode significar a felicidade, do que realmente se deve buscar como contentamento.

Quando reli essa obra alguns anos depois, é claro que a minha compreensão do mundo estava diferente, então a minha leitura foi igualmente diferente, já estava imbuída de questões filosóficas, dos conhecimentos adquiridos em sociologia e da própria maturação da minha fé. Sendo assim, a leitura e interpretação de um texto oriundo de uma obra clássica nem sempre é fácil, necessita-se muitas vezes de um mediador. No meu caso, para o *Fausto*, foi minha mãe; já na escola, é o professor que desenvolve esse papel de intermediador, pois à medida que somos familiarizados com estes gêneros literários clássicos em idade mais precoce, criam-se maiores possibilidades de uma revisitação futura às referidas obras com aprofundamento do conhecimento que neles estão contidos.

Desse modo, da mesma forma que *Fausto* me ajudou com a descoberta de novas palavras, com o aprendizado da leitura, com a interpretação e a escrita, acredito que as obras clássicas podem ajudar nossos alunos que estejam em seu percurso formativo. Assim, a pesquisa aqui apresentada busca responder à questão: Qual é a importância de inserir a Literatura Clássica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, como elemento auxiliador no processo de consolidação da leitura e da interpretação dentro da formação do Letramento Literário?

A LITERATURA CLÁSSICA E O ESTUDANTE

O termo “Literatura Clássica”, para muitas pessoas, é quase um enigma incompreensível, algo que lhes é apresentado à medida que se adentra no universo da disciplina formal de Literatura, o que, geralmente, ocorre nos Anos Finais do Ensino Fundamental e mais fortemente no Ensino Médio. Dessa maneira, é impossível não se deparar com os estudos dessas obras dentro do contexto escolar em algum momento da vida.

De diferentes formas são exigidos conhecimentos específicos dos educandos sobre o autor, suas obras, tempo, gênero literário, personagens, além é claro de todo o arcabouço social que aquela obra clássica apresenta. Neste ponto, muitos alunos veem a Literatura, principalmente em se tratando dos clássicos, como algo extremamente enfadonho, difícil e como um elemento de entrave para o aprendizado escolar. Ou ainda têm dificuldade de perceber conexões entre o texto lido e explorado na escola e suas experiências de vida.

Um exemplo disso é apresentado em uma reportagem veiculada pelo *Correio Braziliense*⁴, escrita por Teles (2021), que versa sobre uma postagem no *Twitter* de um dos maiores influenciadores digitais e youtubers do Brasil, Felipe Neto⁵, na qual ele expressa a sua visão acerca da percepção de muitos estudantes no que se refere ao ensino de Literatura. Na reportagem de Teles (2001), as falas de educadores e educandos levantam diversas questões, como a crença de que a literatura canônica

⁴ Link da reportagem: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2021/01/4903079-apos-polemica-de-felipe-neto-como-abordar-literatura-classica-na-escola.html>

⁵ Mensagem do *Twitter* de Felipe Neto: “Forçar adolescentes a lerem romantismo e realismo brasileiro é um desserviço das escolas para a literatura. Álvares de Azevedo e Machado de Assis NÃO SÃO PARA ADOLESCENTES! E forçar isso gera jovens que acham literatura um saco.” Disponível em: <https://twitter.com/felipeneto/status/1352832461441560576>

já não serve para a educação atual, a falta de maturidade dos alunos para a compreensão da literatura clássica, a falta de contato anterior com essa disciplina que assusta o estudante, a linguagem cansativa e distante dessa literatura, o ler e o conhecer uma obra somente para fazer uma prova e o papel do professor como mediador e facilitador.

Ainda na referida reportagem, há a fala da professora de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília (UnB), Fabrícia Wallace Rodrigues, que entende a posição de Felipe Neto e “acredita que a discussão é mais ampla.” Ela comenta sobre a formação dos professores de literatura e o seu papel como mediador na turma: “Às vezes, é interessante ler com a turma em sala de aula. Mostrar os caminhos do texto. Eu costumo dizer também que o professor não pode pedir para um aluno ler se ele não está fazendo isso” (*ibid.*, p. s/n).

Entretanto, quando se aprofunda um pouco na relação entre o estudante e a Literatura Clássica, é possível perceber que esse processo se dá na mais tenra idade, mas muitos de nós não o percebemos, pois ocorre de forma lúdica, através das histórias infantis contadas pelos nossos pais ou no contexto escolar marcado pelo encantamento típico da primeira infância. Os clássicos *Branca de Neve e os Sete Anões* ou *Rapunzel*, histórias escritas pelos Irmãos Grimm, publicados pela primeira vez em 1812, contos baseados em tradições orais da Alemanha, até hoje fascinam milhares de crianças pelo mundo, levando o pequeno leitor-ouvinte ao universo imaginativo dos contos de fadas.

É importante neste ponto ressaltar que o termo clássico abrange, portanto, uma série de obras que, ao longo do tempo, povoam o imaginário dos leitores e constituem um verdadeiro patrimônio cultural, desde os contos de fadas e fábulas aos romances modernos. Noutras palavras, é imprescindível desmistificar a ideia de clássicos como algo difícil e/ou inacessível, bem como ampliar a sua concepção de modo a promover a aproximação gradual e permanente com esses textos consagrados ao longo de tanto tempo e que ainda oferecem novas perspectivas em relação à vida.

Uma das questões levantadas na referida reportagem do *Correio Braziliense* (TELES, 2021), a de que o estudante não teve contato prévio com a literatura clássica, é falsa em princípio. Todavia, apesar desse contato com os contos de fadas, direta ou indiretamente, na infância, o que se observa é que na escola, ao longo dos anos, a relação com a literatura de modo geral vai, num processo de gradação decrescente,

rareando ou sendo reduzida a uma lógica protocolar, que afasta o sujeito da experiência leitora mais plena.

Observando os três primeiros anos do Ensino Fundamental, que estão focados no aprendizado da Leitura e Escrita, ou seja, na Alfabetização e no Letramento, é importante estabelecer o que se compreende a partir desses termos. Entende-se Alfabetização, segundo Albuquerque (2008), como

o ensino das habilidades de 'decodificação' e 'codificação', [que] foi transportada para a sala de aula [...] mediante a criação de diferentes métodos de alfabetização [...], que padronizaram a aprendizagem da leitura e da escrita. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 11).

A ideia de Letramento, de forma simplificada, relaciona-se com as

práticas sociais e coletivas de leitura e escrita, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita, abrangendo também as questões relacionadas ao analfabetismo dentro de uma cultura e de uma sociedade grafocêntrica. (PÉREZ, 2008, p. 199).

Isto é, o letramento diz respeito ao processo de aquisição das habilidades de leitura e escrita, mas sobretudo relaciona-se ao uso e à apropriação de tais habilidades nas práticas sociais que organizam a vida dos sujeitos, conforme Soares (2003). Historicamente, inserida nesses processos, a literatura é largamente utilizada como subterfúgio, muitas vezes, apresentada de forma incompleta à serviço de um fim pragmático, principalmente as referidas como clássicas.

Eberhardt e Moura, em *A Importância da Literatura Infantil no Processo de Alfabetização e Letramento dos Educandos do 1º Ciclo* (2021), ressaltam o fato de que o processo da alfabetização e letramento leva o aluno a um novo patamar, antes oculto e inacessível, o mundo dos adultos. Algo que, para a criança, é fascinante e uma grande aventura, coroada com a “[...] seleção de obras potencialmente significativas que enriqueçam o mundo interior da criança e que harmonizem com suas aspirações”. (*ibid.*, p. s/n).

Nesse aspecto, algumas obras clássicas, como, por exemplo, o *Menino Maluquinho* de Ziraldo ou *Meu pé de laranja lima* de José Mauro de Vasconcelos, ou ainda *Pé de pilão* de Mário Quintana, podem suprir essas condições de inserção do pequeno leitor em um universo marcado pela descoberta de si e do mundo, pois são

ricas em sua construção, despertam a sensibilidade de quem as lê, exploram situações emocionais, apresentam os sentimentos interiores dos personagens e podem ser trabalhadas além do objetivo de apenas aprender a ler e a escrever, pois introduzem o estudante ao Letramento Literário e criam possibilidades de itinerários mais vastos. Afinal,

se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequenos, esses eventuais encontros com nossos mestres da língua portuguesa terão boas probabilidades de vir a acontecer quase naturalmente depois, no final da adolescência. (MACHADO, 2002 p. 13).

O Letramento Literário pode ser definido como processo de letramento através de textos literários, com a perspectiva de contextualização sócio-histórico-cultural, mas é também a reivindicação para uma atenção diferenciada em torno da literatura no processo de formação discente, permitindo-o o efetivo domínio do texto, mas também oferecendo mecanismos de compreensão da vida em suas múltiplas relações interpessoais e sociais.

As autoras Eberhardt e Moura (2021) nos lembram que, no processo da aprendizagem da criança, a linguagem escrita vai além da representação de sons por sinais gráficos, sendo ela um objeto sociocultural, e que, portanto, deve estar associada ao Letramento, com “textos de diferentes gêneros e em diferentes suportes, textos para ler, e não textos artificialmente elaborados para aprender a ler [...]”. (*ibid.*, p. s/n) Assim, trazer a Literatura Clássica para o contexto da alfabetização e letramento pode promover uma facilitação no aprofundamento e na formação como um todo cultural ao longo dos anos que se seguirão.

Nos próximos dois anos do Ensino Fundamental, o 4º e o 5º ano, períodos reservados para a consolidação da Alfabetização e do Letramento, Eberhardt e Moura (2021), ressaltam ainda que a leitura não pode se tornar um fardo, uma obrigação dolorida, que se deve preservar o prazer de descobrir. Nesse sentido, uma obra completa com uma boa história pode oferecer muito mais prazer na leitura do que textos fragmentados e descontextualizados.

Ana Maria Machado, em *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo* (2002), acrescenta o pensamento de que a Literatura Clássica, inserida em sala de

aula, permite aos jovens leitores a aproximação com a literatura tradicional, clássica, e assim ficam conhecendo “as histórias empolgantes de que somos feitos.” (*ibid.*, p. 12). Ou seja, a aproximação gradual, mediada e prazerosa com os clássicos oferece ao leitor a descoberta de uma herança construída pela humanidade, mas, em um país com imensas desigualdades de todo gênero, ainda subtraída da maioria da população. Nesse contexto, o Letramento Literário se faz mais indispensável e “precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar.” (SOUZA E COSSON, 2011, p. 102).

É nesse ponto que o professor se torna o facilitador entre a obra literária e o aluno, aspecto problematizado pela professora de literatura Mara Gasparotto, na Reportagem do Correio Braziliense (*apud* TELES, 2021, p. s/n). Ela “explica que muitos estudantes não têm afinidade com a literatura clássica durante o período no colégio porque falta maturidade. ‘Para o aluno, essa literatura é cansativa e distante’ [...]”. Por outro lado, considerando as desigualdades e os problemas estruturais da sociedade brasileira, é evidente que não cabe somente ao professor a tarefa de transformar o estudante em um leitor proficiente. É necessário um trabalho em rede, que vai desde o projeto político-pedagógico da escola até as políticas públicas de educação que visem a formação discente e a qualidade de trabalho e de vida dos educadores.

Importante ressaltar que a questão de que a linguagem da Literatura Clássica é de difícil compreensão, cansativa e que os alunos não têm maturidade suficiente para entender vem também de uma concepção que está arraigada no conceito da obra Clássica como exclusividade da elite, uma construção historicamente incutida nas classes menos favorecidas, reflexos da negação da escolaridade e acesso aos bens culturais.

O afastamento da população geral em relação aos bens culturais promoveu marcas muito profundas na sociedade. O acesso aos livros de modo geral foi dificultado em uma realidade que não o concebia como um direito universal. Sendo assim, no recente processo de escolarização das camadas populares no Brasil, o percurso que intenta aproximar o leitor e os clássicos é também uma intervenção e um ato de transformação social.

Este aspecto remete, portanto, à dicotomia da educação diferenciada por classes sociais, ponto esse que foi reforçado até mesmo na denominação do termo

“Obra Clássica” – tanto que as duas palavras derivam da mesma raiz “Clássica” e “Classe”⁶ –, ficando estruturado que esse tipo de literatura deveria ser acessível apenas a alguém que teve uma educação diferenciada, um público seletivo. Elemento que na construção de uma educação democrática torna-se inviável, pois todos devem ter o direito de acesso, de leitura e compreensão dessas obras, e para tanto elas devem estar inseridas nas atividades da escola, pois são pertencentes ao capital cultural da sociedade.

Paulo Vieira, humorista, em seu Twitter⁷ (*apud* TELES, 2021), comenta que cresceu acreditando que o mundo de Machado de Assis não era para ele, e levanta a questão do dever da escola pública de apresentar e devolver a cultura brasileira aos brasileiros. É nesse ponto que o professor, na condição de facilitador e mediador, pode inserir a obra, auxiliando na compreensão do universo clássico, de forma que a linguagem torne-se familiar e a história apresentada nas obras não pareçam algo fora do contexto do aluno, permitindo um real resgate do direito à Cultura que a Literatura Clássica proporciona.

Para tanto, é necessário (e óbvio) que o educador também seja um leitor, o que muitas vezes é impossibilitado pelas rotinas degradantes, pela falta de estrutura, pela lógica perversa em que a docência está inserida. Os limites deste artigo inviabilizam o desenvolvimento deste debate, mas é preciso assinalar que, para que o professor cumpra a sua tarefa com qualidade e eficiência, é fundamental que repensemos toda a estrutura da educação brasileira, que discutamos as políticas públicas educacionais, sob pena de culpabilizar o docente, retirando da cena a responsabilidade do Estado.

Arana e Klebis (2015) afirmam que na literatura é possível perceber as relações humanas e os fatos históricos ao longo do tempo, fazendo dessa disciplina um suporte social para o desenvolvimento crítico, para a formação de valores,

além de cativar o aluno ao prazer à leitura, formar indivíduos mais humanos, assim, capacitando-os a enxergar as questões da

⁶ “A palavra “clássico” tem a sua origem no latim ‘CLASSICUS’, que por sua vez significa ‘relativo às classes mais altas do povo romano’, logo, indicava ‘superioridade’. Fonte: [Etimologia de "clássico" - Gramática \(gramatica.net.br\)](#).

⁷ Perfil do *Twitter* de Paulo Vieira Real contendo a postagem mencionada está disponível em: https://twitter.com/PauloVieiraReal/status/1353034643881267200?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1353034643881267200%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.correiobraziliense.com.br%2Festudante%2Feducacao-basica%2F2021%2F01%2F4903079-apos-polemica-de-felipe-neto-como-abordar-literatura-classica-na-escola.html Acesso 16 de dez 2021.

sociedade com maior clareza para que possam desenvolver um senso crítico e ampliar os seus horizontes a respeito da vida. (*ibid.*, 5029).

AFINAL, O QUE É LITERATURA CLÁSSICA?

Ítalo Calvino em *Por que ler os clássicos* (1993, p. 10) afirma que os clássicos “[...] são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram [...]”. Outra maneira com a qual o mesmo autor define os clássicos é: “aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: ‘*Estou relendo ...*’ e nunca ‘*Estou lendo ...*’”, (*ibid.*, p. 9), uma vez que suas narrativas estão imbricadas no tecido histórico e social dos povos.

No âmbito acadêmico, a Literatura Clássica, segundo Ceias (2021), pode ser interpretada como uma obra que permanece ao longo do tempo, sendo perpetuada por gerações, servindo como um exemplo, estando relacionada a um arcabouço de saberes e originalidade, mas também, torna-se clássico de acordo com uma perspectiva histórica. Lembra ainda, que “um clássico tanto pode ser uma obra antiga que persistiu pela sua excelência como uma obra ou autor que se destaca como referência fundamental na sua própria época, o que é reconhecido pela maior parte da crítica segundo critérios objetivos.” (*ibid.*, p. s/n). Um ponto relevante nessa definição está relacionado à submissão do clássico como um elemento canônico. O cânone literário é um

[...] corpo de obras (e seus autores) social e institucionalmente consideradas ‘grandes’, ‘geniais’, perenes, comunicando valores humanos essenciais, por isso dignas de serem estudadas e transmitidas de geração em geração [...], quer se trate de um cânone nacional, onde se presume que o povo se reconhece nas suas características específicas, quer se trate do cânone universal [...].” (DUARTE, 2021, p. s/n).

Ana Maria Machado (2002) traz a observação de que o contato com a Literatura Clássica na infância fica marcada nitidamente e de forma durável, podendo ser decorrente da sensibilidade das emoções da infância ou da adolescência: “Talvez porque nas crianças a memória ainda está tão virgem e disponível que as impressões deixadas nela ficam marcadas de forma muito funda.” (*ibid.*, p. 10). A autora fala de

relatos de várias pessoas consagradas que leram os Clássicos na infância e “passaram a fazer parte indissociável da bagagem cultural e afetiva que seu leitor incorporou pela vida afora, ajudando-o a ser quem foi.” (MACHADO, 2002, p. 11). Ou seja, a Literatura clássica está ligadas àqueles livros que nos ajudam a formar a nossa identidade.

Através destas definições é possível aferir algumas considerações: os clássicos são livros que chegaram até os nossos dias com uma grande carga histórica; são livros que sempre estão na moda, pois são constantemente relidos e atestam a atemporalidade das relações humanas; apresentam um conjunto de elementos que influenciaram toda a história de uma época; são obras que expressam os arquétipos presentes na nossa história evolutiva como humanidade; são aquelas leituras que se tornam inerentes à cultura humana e fornecem base para formar a própria identidade. Assim, é indubitável que, em qualquer sistema de ensino de um país, as obras clássicas deveriam ser estudadas e exploradas.

Duarte (2021) lembra ainda que há uma ligação íntima entre o cânone literário e a escolarização. Dentro do universo acadêmico, o clássico tem acento privilegiado “[...] onde se concretizava através de listas de textos a serem lidos e interpretados pelos alunos [...], a escola passou a funcionar como o fator determinante de fixação e transmissão de cânones [...]” (*op. cit. s/p*).

Machado (2002) aponta também a questão da origem da palavra clássico, derivando de classe e como sinonímia de sala de aula. Assim, o cânone literário tem a sua legitimação principalmente quando inserido no processo educacional institucionalizado, ou seja, quando inserido na escola, em sala de aula.

Esta institucionalização pode ser percebida, por exemplo, no Ensino Infantil através das histórias clássicas que foram passadas através de gerações e parecem ser um elemento natural desse universo, afinal é o momento em que a criança, segundo Paulino e Barbosa (2004), se apresenta no estágio da Inteligência intuitiva, na qual ela faz a representação mental do mundo com as características do animismo (as coisas são vivas e interagem com ela), do finalismo (tudo tem uma razão de ser) e do artificialismo (tudo foi construído pelo homem ou por uma divindade). A criança nessa fase não vai estranhar que a formiga tenha sentimentos como ela, que o bule de chá fale com a princesa, ou ainda que as nuvens são pedaços de algodão que o homem jogou no céu.

A inserção da Literatura Infantil no processo de formação inicial dos estudantes condiz também com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2021), documento que direciona os conteúdos necessários para que os alunos adquiram as competências e habilidades básicas da sua formação escolar:

as experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. (BRASIL, 2021, p. 44).

Assim, introduzir os Livros Clássicos na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental faz todo o sentido. Principalmente pelo fato de que “grande parte da população brasileira aprende a ler na escola e tem acesso às primeiras leituras também nesse contexto. Por isso mesmo, a escola, de modo específico, consiste em agência de letramento das mais importantes.” (PAIVA, MACIEL e COSSON, 2010, p. 26).

A LEITURA E A INTERPRETAÇÃO

“As primeiras experiências de leitura costumam ocorrer das mais diversas formas, segundo as condições econômicas e sociais de acesso aos livros e demais impressos que circulam em sociedade [...]”, afirmam Paiva, Maciel e Cosson (2010, p. 26). Rildo Cosson, em *Letramento Literário: Teoria e prática* (2014), ressalta também que ao longo da história humana a literatura foi tradicionalmente utilizada como elemento educativo, tanto para ensinar a ler e a escrever, quanto para formar culturalmente o indivíduo, e que ela antecede a existência da escola.

Hoje, segundo Aparecida Paiva, Francisca Maciel e Rildo Cosson (2010), para a maior parte da população, as primeiras experiências de leitura ocorrem dentro do ambiente escolar, sendo mediadas e desenvolvidas pelas metodologias aplicadas pelos professores, tendo o livro didático como referencial, geralmente “baseada na leitura em voz alta, nas perguntas e nas respostas relacionadas à interpretação dos textos.” (*ibid.*, p. 26).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2021), na Educação Básica o aprendizado da leitura e da escrita tem seu maior foco nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, direcionando a ação pedagógica para a alfabetização. Alfabetização essa que se caracteriza por ser um “processo complexo e abrangente de decodificação de signos e de compreensão e inteligência do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção [...]” (GARCEZ, 2012, p. 23). Nesse processo, o aluno se percebe em vias de uma das maiores exigências – quase que imprescindível – para uma real participação em nossa sociedade, o saber ler e escrever.

Renata Junqueira Souza e Rildo Cosson, em *Letramento literário: uma proposta para a sala de aula* (2011), assinalam que vivemos em uma sociedade onde tudo é perpassado pela escrita, desde a certidão de nascimento até a certidão de óbito, onde o ato de ler e o de escrever são vistos como formas de competência cultural, e a não aquisição dessa forma de linguagem desqualifica e desvaloriza o indivíduo. Soares (2003) aponta que, nas Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílios (PNAD), a medição do nível de alfabetização no Brasil, utiliza o critério de anos de escolarização, “ficando implícito nesse critério que, após alguns anos de aprendizagem escolar, o indivíduo terá não só aprendido a ler e escrever, mas também a fazer uso da leitura e da escrita [...]” (*ibid.*, p. 7).

Por outro lado, a BNCC traz o direcionamento da apropriação “do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos [...]” (BRASIL, 2021, p. 59).

A noção de Letramento teve “sua origem vinculada à aprendizagem inicial da escrita” (SOARES, 2003, p. 7), mas ele é um agregador ao processo da aprendizagem da Leitura e Escrita, ao lidar

[...] com a capacidade simbólica e com a habilidade de interação mediada pela palavra. É um trabalho que envolve signos, frases, sentenças, argumentos, provas formais e informais, objetivos, intenções, ações e motivações. Envolve especificamente elementos da linguagem, mas também os da experiência de vida dos indivíduos. (GARCEZ, 2012, p. 23).

Assim, também se interliga com os “conhecimentos que veiculamos pela escrita, pelos modos como usamos a escrita para nos comunicar e nos relacionar com as

outras pessoas, pela maneira como a escrita é usada para dizer e dar forma ao mundo [...]”. (SOUZA e COSSON, 2011, p. 102). Nessa percepção cabe ressaltar que, segundo Magda Soares em *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*, a Alfabetização e o Letramento têm conceitos diferentes, porém indissociáveis, uma vez que o Letramento surgiu da “necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita.” (SOARES, 2003, p. 6).

Um ponto relevante nesta equação da Alfabetização e do Letramento abordado por Soares (2003) é o fracasso escolar em alfabetização:

esse fracasso configura-se de forma inusitada. Anteriormente ele se revelava em avaliações internas à escola, sempre concentrado na etapa inicial do ensino fundamental, traduzindo-se em altos índices de reprovação, repetência, evasão; hoje, o fracasso revela-se em avaliações externas à escola [...] espraia-se ao longo de todo o ensino fundamental, chegando mesmo ao ensino médio, e se traduz em altos índices de precário ou nulo desempenho em provas de leitura, denunciando grandes contingentes de alunos não alfabetizados ou semi-alfabetizados depois de quatro, seis, oito anos de escolarização. (SOARES, 2003, p. 9).

Magda Soares enfatiza que esse fator pode ser proveniente da falta de reconhecimento da especificidade da alfabetização enquanto processo da aquisição e apropriação do sistema da escrita (decodificação - leitura e codificação - escrita), do alfabeto e da ortografia; e que o letramento é outro processo que deve ser fortalecido concomitantemente. Dito isso,

a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2003, p. 14).

Nessa concepção de Letramento, Eberhardt e Moura (2021) apontam que os anos iniciais do Ensino Fundamental são um espaço propício para ir além da alfabetização, contemplando outras áreas do conhecimento, ressaltando a necessidade da interação da criança com materiais reais de Leitura para uma prática efetiva de Leitura, ou seja, o Letramento Literário. Termo que, segundo Cosson, possui uma configuração especial, devido à própria existência como escrita literária,

em que o Letramento é feito através dos textos literários e “compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio.” (COSSON, 2014, p. 7)

É importante ressaltar ainda que

aprendemos a ler, de modo fluente, nas relações estabelecidas em sociedade e nas trocas e aprendizagens promovidas na escola. Nesta perspectiva, a leitura não consiste em atividade natural, tampouco em hábito [...]. (PAIVA, MACIEL e COSSON, 2010, p. 23).

Portanto, deve ser incentivada e mediada pelos professores ao longo da escolarização, ou seja, para que haja a Consolidação da Leitura é necessário promover a prática da leitura.

Mas não basta somente ler, é de fundamental importância interpretar (compreender) o que se está lendo, para tanto o Professor deve atentar para a concepção de Leitura, pois esta é “decorrente da concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido que se adote.” (KOCH e ELIAS, 2006, p. 9). Na concepção que foca na interação autor-texto-leitor,

os sujeitos são vistos como **atores/construtores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente - se constroem e são construídos no texto**, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. (KOCH e ELIAS, 2006, p. 10-11, *grifos das autoras*).

Nesse sentido, o Letramento Literário “proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma.” (SOUZA e COSSON, 2011, p. 102). Além de que, o conjunto das qualidades estéticas cujas obras literárias testemunham ao longo do tempo – uma boa história, uma trama envolvente, personagens interessantes –, leva o estudante a um “[...] mundo magnífico, onde tudo é possível, ao mesmo tempo em que se ensinam lições maravilhosas [...]” (EBERHARDT e MOURA, 2021, p. s/n). Torna-se assim ainda mais significativo o processo de leitura, compreensão e interpretação do texto, pois o aluno se envolve, vivencia e se identifica com a história.

A literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante. A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da

escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. (COSSON, 2014, p. 16-17)

O contato propiciado e mediado por obras literárias clássicas atua, desse modo, tanto como aprendizado da língua quanto como aprendizado de si mesmo e das relações que constituem a vida. Sendo assim, as obras literárias ao alcance das crianças promovem a descoberta do universo das palavras em suas potencialidades, mas também funcionam como janela para mirar outros universos possíveis, muito mais amplos.

Além disso, o “**sentido** de um texto é **construído na interação texto-sujeitos** e não algo que preexista a essa interação. **A leitura** é, pois, uma **atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos [...]**” (KOCH E Elias (2006, p. 11, grifos das autoras). Isso significa dizer que o trabalho com a literatura também favorece essa troca interativa. Assim como o aprendizado da linguagem se dá na relação com o outro, o processo de leitura e formulação de sentidos contido nas páginas da literatura, oportuniza o diálogo e a construção de caminhos para o crescimento coletivo em diferentes níveis. Trabalho que requer planejamento e estratégias, conforme Souza e Cosson:

O letramento literário enquanto construção literária dos sentidos se faz indagando ao texto quem e quando diz, o que diz, como diz, para que diz e para quem diz. Respostas que só podem ser obtidas quando se examinam os detalhes do texto, configura-se um contexto e se insere a obra em um diálogo com outros tantos textos. Tais procedimentos informam que o objetivo desse modo de ler passa pelo desvelamento das informações do texto e pela aprendizagem de estratégias de leitura para chegar à formação do repertório do leitor. (SOUZA E COSSON, 2011, p. 103).

Segundo Paiva, Maciel e Cosson (2010), os textos mais complexos requerem do professor um trabalho mais sensível com intervenções processuais gradativas, pois o educando pouco proficiente nas leituras necessitará de explicações quanto aos elementos históricos, à contextualização, à busca de palavras no dicionário, ou seja, o aluno, para ter a compreensão do texto, precisa dominar certas habilidades que serão construídas ao longo processo do Letramento Literário.

O professor também imprime maior qualidade a seu trabalho quando se dedica a pensar em como ler para seus alunos ou com eles. Afinal,

sabe-se que as primeiras experiências de leitura da criança são marcantes não só pela compreensão dos significados do texto, mas também pelos modos de ler, pela entonação de voz do leitor, pela relação afetiva com o leitor-mediador e com o ambiente em que a leitura se desenvolve, por tudo aquilo que circunda o texto e com ele estabelece relações. (PAIVA, MACIEL e COSSON, 2010, p. 34).

Koch e Elias (2006) lembram também que a língua (a palavra, a verbalização da leitura) é percebida como a representação do pensamento, onde o texto é o elemento sociocognitivo e o sujeito (leitor) é o comandante da ação. É na relação desse sujeito com a sua concepção de mundo, experiências e conhecimentos e a concepção de mundo expresso pelo texto, que se tem a construção de um novo pensar cognitivo:

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço.” (COSSON, 2014, p. 27).

Koch e Elias (2006) afirmam ainda que a leitura é um processo ativo de compreensão e interpretação do texto, o que implica na utilização de estratégias de leitura onde o leitor processa, avalia, critica ou até contradiz as informações, dando significado ao que lê, favorecendo a pluralidade de sentido construído pelos outros leitores.

Arana e Klebis (2015) assinalam que as salas de aulas não são homogêneas quanto ao nível de leitura dos educandos, então é a percepção do professor que determina o que pode ser trabalhado na turma para que a aquisição da leitura seja exitosa. Para tanto “é indispensável que ele tenha uma boa carga literária para que consiga identificar no aluno as suas dificuldades e saber como lidar com tais situações.” (*ibid.*, p. 5032). Quando o educador tem essa bagagem, torna-se mais fácil aplicar as estratégias de leitura mais eficazes para por em curso o letramento literário.

Souza e Cosson (2011) exemplificam uma dessas estratégias de leitura, quando o professor, no ato da sua leitura em voz alta para os alunos, compartilha seus próprios pensamentos como leitor, as conexões dos conhecimentos já aprendidos, trazendo o que pode ser inferido da história (uma interpretação, conclusão ou informação que não está explícita no texto), pois é esse diálogo que cria um sentido para aquilo que está sendo lido. A leitura literária deve ser, portanto, um ato franco e

compartilhado pelo educador e seus estudantes, que se colocam na condição de leitores a desbravar um terreno diferente tendo como mapa o próprio texto.

Um momento especial no trabalho do Letramento Literário é a escolha da obra a ser lida. Cosson alerta que a escolha das obras é sempre a atual, atual no sentido de que “são aquelas que têm significado para mim em meu tempo, independentemente da época de sua escrita ou publicação”, pois “é essa atualidade que gera a facilidade de leitura dos alunos.” (COSSON, 2014, p. 34). Ponto importante neste aspecto é que a decisão de qual obra será lida deve ser promovida, sempre que possível, por uma decisão coletiva, entre o professor e os alunos. É aí que reside o papel do professor como aquele que oferece os clássicos como herança coletiva, outrora negada aos indivíduos.

Além disso, o trabalho com os clássicos pode (e muitas vezes deve) ser promovido por meio das adaptações. A adaptação de uma obra clássica é um trabalho de aproximação que assegura não apenas as ações que estruturam o enredo, mas também as qualidades da forma do texto (a escolha das palavras, o ritmo da narrativa, a força das expressões, a construção imagética etc.). Hoje, é possível oportunizar a leitura de um acervo cultural riquíssimo para os alunos por meio das adaptações. Um exemplo disto é o livro de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote De La Mancha*⁸. Machado (2002) ressalta que o contato com a Literatura Clássica não precisa necessariamente ser no texto original, mas deve-se buscar uma oportunidade de um encontro “[...] sedutor, atraente, tentador, [...] uma lembrança (mesmo vaga) que fique por toda a vida.” (MACHADO, 2002, p. 12).

O debate em torno das adaptações leva em consideração que o texto deve preservar para o leitor aquilo de essencial que tornou a obra digna de ser lida e compartilhada ao longo do tempo. Desse modo é que se driblam as dificuldades inerentes à linguagem mais erudita das traduções de *Dom Quixote*, mas se oferecem para os pequenos leitores as aventuras e as peripécias do cavaleiro andante que unia sonho e realidade para dar sentido à vida.

Nesse sentido, as adaptações funcionam como passaporte para conduzir os leitores a mundos distantes, a épocas distintas, ao conhecimento de costumes estranhos aos do sujeito contemporâneo, por meio de uma linguagem que, sem recair

⁸ Obra original produzida em 1605 e 1615 - várias adaptações foram realizadas, entre elas a de Ferreira Gullar para os jovens e a de Monteiro Lobato para as crianças.

em simplificações redutoras, pode encantar e encaminhar os educandos a uma galeria de tramas e personagens inesgotáveis.

Quando o educando tem esse encontro prazeroso com a Literatura Clássica, contando com o suporte do professor como mediador, é possível que o processo de consolidação da leitura e interpretação seja enriquecido de uma carga cultural universal que lhe servirá de referência para a sua formação como pessoa. Afinal, a literatura clássica reflete a alma humana e propicia reflexões e saberes que coadunam com a visão educacional da formação integral do sujeito como cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura Clássica está intimamente ligada ao universo acadêmico, à formação educacional dos indivíduos, o que se vê desde a sua etimologia. Mas, para além dos limites da escola, são obras consideradas perenes, que superam o tempo no qual foram escritos, transmitem valores humanos essenciais e são reconhecidas como referências fundamentais em algum determinado aspecto da vida humana ou por sua excelência enquanto obra-prima.

Apesar de toda essa grandeza, os clássicos, para muitas pessoas, só são citados ou minimamente conhecidos e relacionados ao universo da disciplina de Literatura, quando adentram o Ensino Médio, gerando a percepção de um conhecimento sem sentido para os tempos atuais. Essa visão se relaciona, dentre outros motivos, ao afastamento do mundo da leitura, que a maior parte da população herda como reflexo das desigualdades sociais que marcam a história brasileira, mas também ao processo decrescente do contato entre o estudante e os textos literários ao longo da vida escolar. Parece, portanto, haver uma inversão: à medida em que, supostamente, o leitor avança nas habilidades de leitura, diminui-se a quantidade experiências significativas e marcantes com os textos literários em sua vida escolar.

Sendo assim, nosso primeiro encontro com a Literatura Clássica geralmente se dá de forma lúdica, através das histórias infantis contadas pelos nossos pais ou no contexto da Educação Infantil por meio do contato com os livros infantis, mas à medida que os anos escolares vão avançando durante o Ensino Fundamental os educadores tendem a optar pelo uso de textos fragmentados, privilegiando os contemporâneos, direcionados à didática da alfabetização em detrimento dessa forma de manifestação sociocultural. Desse modo, os clássicos vão gradativamente sendo excluídos da sala

de aula e muitas vezes só serão reinseridos, ainda que de forma protocolar, apenas no Ensino Médio.

Quando, nas ações pedagógicas, o professor traz a Literatura Clássica para o contexto da alfabetização, valendo-se do Letramento Literário, como trabalho sistemático que une leitura literária e práticas sociais, a apropriação do sistema de escrita adquire outros elementos na formação integral, pois os clássicos são repletos de significados, que levam ao enriquecimento interior da criança no auxílio da formação de valores e da própria identidade.

No processo de consolidação da Alfabetização e do Letramento ancorado em materiais de Leitura em forma de livros literários (podendo estes ser adaptados, dependendo do nível de proficiência de leitura da turma), por meio de atividades de diálogo, leitura e interpretação, proporciona-se uma prática efetiva de Leitura, uma vez que a criança estabelece uma interação entre sujeitos ativos (autor, texto, leitor e professor), construindo dialogicamente um sentido que lhe dará suporte social para o desenvolvimento crítico. Para tanto, o professor se torna o mediador entre a obra literária e o aluno, auxiliando-o na compreensão da obra clássica, para que essa linguagem se torne familiar, pertencente ao seu contexto, além do benefício de promover o prazer com a leitura.

O professor, consciente do seu papel de mediador, na sua ação pedagógica de inserir a Leitura de obras literárias Clássicas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pode promover a ampliação do conhecimento de mundo e do senso crítico do estudante e abrir as portas para a possibilidade de que, no futuro escolar de seus alunos, eles não mais considerem a Literatura como uma disciplina sem sentido.

Por fim, a Literatura Clássica pode se tornar um dos pilares na formação do educando quanto a sua capacidade interpretativa e fluidez na leitura, inserindo-o profundamente no mundo letrado e instrumentalizando-o com o capital cultural social que lhe é de direito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Conceituando Alfabetização e Letramento**. In. GARCIA, Regina Leite; ZACCUR Edwiges. (Orgs.) Alfabetização: reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes. São Paulo: Cortez, 2008.

ARANA, Alba Regina de Azevedo; KLEBIS, Augusta Boa Sorte Oliveira. **Literatura na Sala de Aula: A Leitura de Obras Literárias na Fase Escolar**. Educare - XII Congresso Nacional de Educação; V Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente - SIPD de 26 a 29 de outubro de 2015. Curitiba: PUC - PR, 2015, p. 5025 - 5040.

BRASIL. MEC - Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf Acesso em: 09 jun. 2021.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

CEIAS, Carlos. **Clássico**. E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/classico/> Acesso em: 20 jul. 2021.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DUARTE, João Ferreira. **Cânone**. E-Dicionário de Termos Literários. Publicado em Dez 29, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/canone/> Acesso em: 20 jul. 2021.

EBERHARDT, Márcia Rozani; MOURA, Sandra Eliana. **A Importância da Literatura Infantil no Processo de Alfabetização e Letramento dos Educandos do 1º Ciclo**. XVIII Seminário Internacional de Educação no Mercosul. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2018/5%20-%20Mostra%20de%20Trabalhos%20de%20Prof.%20da%20rede/Trabalhos%20Completo/A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DA%20LITERATURA%20INFANTIL%20NO%20PROCESSO%20DE%20ALFABETIZA%C3%87%C3%83O%20E%20LETRAMENTO%20DOS%20EDUCANDOS%20DO%201%C2%BA%20CICLO%20DO%20ENSINO%20FUNDAMENTAL.pdf> Acesso em: 12 jun 2021.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnica de redação**. O que é preciso saber para bem escrever. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012, 150 p.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006

MACHADO, ANA MARIA. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON Rildo (Coord.). **Coleção Explorando o Ensino**. V. 20. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Alfabetização: conceito em movimento**. In. GARCIA, Regina Leite; ZACCUR Edwiges. (Orgs.) Alfabetização: reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes. São Paulo: Cortez, 2008.

PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto; BARBOSA, Silviane. **Fundamentos de Desenvolvimento e da Aprendizagem**. Vol. 1: As teorias psicogenéticas de Jean Piaget e Henri Wallon. Brasília, DF: UnB, CEAD, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª Reunião Anual da ANPEd. Poços de Caldas, MG: de 5 a 8 de outubro de 2003.

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula**. Caderno de Formação: formação de professores, didática de conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 2, p. 101-10, 2011.

TELES, João Carlos Magalhães. **Após polêmica de Felipe Neto, como abordar literatura clássica na escola?** Reportagem postado em 29/01/2021 21:01. Correio Braziliense - seção Eu Estudante - Educação Básica. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2021/01/4903079-apos-polemica-de-felipe-neto-como-abordar-literatura-classica-na-escola.html> Acesso em: 28 jul. 2021.